

LITERATURA

PSS 2

Romantismo

As consequências trazidas pela **Revolução Industrial** e pela **Revolução Francesa**, no âmbito da política, da economia e das relações sociais, revolucionaram, de forma definitiva, a literatura e as outras artes. Em verdade, essas demarcações históricas decorrem de uma série de acontecimentos que, há muito tempo, concorriam de maneira a consolidar a **burguesia** como classe dominante.

Com isso, o Absolutismo foi superado pelo **Liberalismo**, que prima, principalmente, pela crença no **indivíduo** e, por conseguinte, na superação de um pensamento de sociedade estatutária. Abriu-se espaço, assim, para a **liberdade de criação**, que deveria, em tudo, substituir as convenções sociais e artísticas do neoclassicismo.

Na literatura, surgiram novas regras de composição que se coadunaram com essa nova realidade. Com o objetivo de explicitá-las e discuti-las, abordaremos cada uma delas a seguir.

A **subjetividade** é a característica romântica por excelência. Todas as outras, em maior ou menor grau, derivam-se dela. Isso acontece pelo fato de o artista romântico recriar a realidade de acordo com a seu sentimento, refletindo, na obra, o seu interior. Portanto, os livros românticos, seja na poesia, seja na prosa, giram em torno das **emoções** humanas, motivo pelo qual o amor, a saudade, a tristeza, o ciúmes e a alegria, por exemplo, aparecem como elementos centrais, exaltando o **sentimento** dos personagens, bem como do eu-lírico na poesia.

Ao relevarmos a subjetividade, a **idealização** consolida-se como uma consequência natural. Como o sujeito romântico modifica o mundo em harmonia com o seu agitado universo e não se sente comprometido em falar das coisas como são, mas sim como ele as entende – a nova realidade descortina-se em variados tons de idealização. Sendo assim, nascem os estereótipos, como o herói, o vilão e os pares românticos que se unem na virtude e na perfeição.

Outro traço de grande importância é a **evasão**, também conhecida como **escapismo** ou **fuga**. Muitas vezes, desiludido com as incongruências do mundo que o cerca, o homem romântico busca refúgio na morte, na infância, no passado, na arte, nos sonhos, no vinho, no ópio e, proeminentemente, na **natureza**. Assim, ele consegue mitigar seus sofrimentos e se aproximar da libertação.

O **nacionalismo** também se consagra no período, devido ao crescimento do sentimento pátrio, muito de acordo com as premissas sociológicas e políticas do final do século XVIII e primeira metade do XIX. No Brasil, essa marca se intensifica, em virtude da independência do país, celebrada em 1822. Nasceu, pois, nessa época, toda uma poética da natureza exótica, com suas florestas expressivas e paisagens tropicais.

Ademais, ainda se pode destacar a **liberdade formal**. Nesse contexto, no qual a liberdade enquanto conceito se difunde, os poetas procuram representá-la por meio da forma do texto literário, trabalhando com estruturas mais livres, em comparação com as regras rígidas do passado. Enfim, a literatura moderniza-se em compasso afinado com a sociedade e com um novo padrão de comportamento.



Pintura encomendada pelo novo governo da Bélgica após a revolução de 1830 que separava o país da Holanda.



Liberdade guiando o povo.



Romantismo no Brasil

No Brasil, o Romantismo se inicia com *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836. No prefácio dessa obra, encontram-se algumas características da nova escola. Mais do que uma **renovação cultural**, o Romantismo brasileiro representou uma tomada de posição contra aqueles que dominavam nossa terra. A **Independência**, conquistada em 1822, trouxe grande liberdade de pensamento e de expressão, ao mesmo tempo em que motivou a busca de elementos diferenciados de nossa nacionalidade, entre eles o índio, a natureza e a linguagem.

Importante

Da consciência de brasilidade, decorrem algumas características peculiares do nosso Romantismo:

- ▶ **Ênfase na cor local:** valorização da paisagem tropical.
- ▶ **Indianismo:** busca do legítimo antepassado nacional. O índio literário é bom, nobre, generoso, corajoso e belo.

Poesia

▶ *Grandes Poemas do Romantismo Brasileiro*, organização de Alexei Bueno: reúne exatamente os momentos máximos da nossa poesia romântica, os poemas-ápices de cada um dos grandes criadores daquele período.

	1ª Geração	2ª Geração	3ª Geração
	Nac./Indianista	Mal do Século	Condoreira
Temas	Indianismo Nacionalismo Religiosidade Mulher – Idealizada	Pessimismo/tédio/ melancolia Satanismo Morte Intimismo Mulher – Idealizada	Social Libertária Mulher – Erótica/ concreta
Influência	Rousseau Chateaubriand	Byron	V. Hugo
Autores	Gonçalves de Magalhães Gonçalves Dias	Álvares de Azevedo Casimiro de Abreu Junqueira Freire Fagundes Varela	Castro Alves



Canção do exílio

Gonçalves Dias.

O pronome possessivo "minha" indica a valorização da sua terra natal. Esse sentimento individualizado transforma-se em coletivo na substituição do "minha" pelo "nossa", na segunda estrofe.

Estar sozinho é uma comprovação, mesmo que implícita, do sentir-se estranho em terra alheia.

Paralelismo entre os dois primeiros versos da primeira estrofe e os dois últimos da terceira.

Reiteradas comparações entre Brasil e exílio.

Desejo de retorno

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Aqui = exílio
Lá = Brasil

As palavras "palmeiras" e "sabiá" representam a natureza brasileira.

Série de comparações que valorizam a natureza brasileira em detrimento da estrangeira.

Os versos em redondilha, além das rimas, emprestam mais musicalidade à "canção".

Repetição de versos e sons.

Retomada, no final, das "palmeiras" e do "sabiá".



I-Juca-Pirama

Gonçalves Dias.

I

No meio das tabas de **amenos verdes**,
Cercadas de **troncos** – cobertos de **flores**,
Alteiam-se os tetos d'altiva **nação**;
São muitos seus **filhos**, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.
(...)

Versos iniciais
escandidos em 11
sílabas poéticas.

Descrição da natureza
e dos filhos da nação: os
índios.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Nesse canto,
o guerreiro Tupi
canta seus feitos
em versos em re-
dondilha. O ritmo
adequa-se ao tom
do discurso.

Virtudes do índio: cora-
gem e bravura – os mesmos
atributos do cavaleiro me-
dieval da literatura europeia.

Poema polifônico: texto
de muitas "vozes".

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.

O pai, en-
vergonhado pelo
comportamento
do filho (que havia
chorado), o amal-
diçoa. O lamento
do pai encontra
melhor expressão
nos versos enea-
sílabos.

No final do poema, pai
e filho reconciliam-se, mes-
mo na morte. O guerreiro
Tupi, que jamais havia sido
covarde, morre nos braços
do pai, cumprindo, enfim,
sua missão.

Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

2ª Geração

Se eu morresse amanhã!

Alvares de Azevedo.

O apego à mãe e à irmã,
figuras familiares, ressaltam
tanto a juventude do poeta
quanto a dor que a sua
morte poderia trazer aos
parentes.

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste **irmã**;
Minha **mãe** de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

O título é elucida-
tivo não só pelo tema,
a morte, mas também
pelo exercício de ima-
ginação. O verbo "mor-
rer", no imperfeito do
subjuntivo, não trata
da morte como algo
próximo, mas como um
refúgio distante.

Na segunda estrofe, o
eu-lírico reflete sobre as
perdas que a morte lhe tra-
ria, como não viver a glória
do seu futuro.

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Menção aos ele-
mentos da natureza.

A dor da vida se sobre-
põe à vontade de viver.

Que **sol!** que **céu azul!** que dove n'alva
Acorda a **natureza** mais loucã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Morte: apagamento
da dor de viver.

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

**Meus oito anos**

Casimiro de Abreu.

Nostalgia

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da **minha** vida,
Da **minha infância querida**
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que **flores**,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das **bananeiras**,
Debaixo dos **laranjais!**

Subjetividade

Natureza

Metáforas

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O **mar é** – lago sereno,
O **céu – um** manto azulado,
O **mundo – um** sonho dourado,
A **vida – um** hino d'amor!

Idealização

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Prosopopeias

Cântico do Calvário

Fagundes Varela.

*À memória de meu Filho
morto a 11 de dezembro de 1863*

Natureza

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. **Eras a estrela**
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.

Metáforas

Eufemismos

Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai! – Ah! no entanto,
Pomba, – **varou-te a flecha do destino!**

Versos brancos

Saudades

Astro, – **engoliu-te o temporal do norte!**
Teto, – caíste! – Crença, já não vives!
Correi, correi, oh! **lágrimas saudosas**,
Legado acerbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!

Sentimentalismo



3ª Geração

Vozes D'África

Castro Alves.

Interlocutor: Deus

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...Tom grandiloquente,
representado pelos
pontos de exclama-
ção, interrogação,
bem como pelas
invocações.

Poesia declamatória

Eu-lírico: a África

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
– Infinito: galé!...
Por abutre – me deste o sol candente,
E a terra de Suez – foi a corrente
Que me ligaste ao pé...Referências geográ-
ficas ao continente.Reiteradas men-
ções às torturas.O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do simoun dardeja
O teu braço eternal (...)

Unidade 2

Prosa Romântica

Nascia um padrão ficcional de **grande apelo popular**, abalizado em enredos de inúmeras reviravoltas e final grandioso, a modo de **reforçar os valores morais** da sociedade do Segundo Império. No entanto, a dimensão dessa prosa não se restringe apenas ao século XIX. Com o passar do tempo, o formato foi se condicionando em harmonia com as novas demandas comportamentais. Hoje, seu maior legado encontra-se nas **novelas televisivas**, que, de certa forma, apropriaram-se de seus temas principais e mantiveram a estrutura fasciculada de apresentação de enredo.

Autores	Obras
Joaquim Manuel Macedo	<p>A Moreninha (1844)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Romance urbano/costumes ▶ Personagens – Augusto e Carolina
José de Alencar	<p>Romance urbano – <i>Senhora</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Casamento por interesse ▶ Personagens – Aurélia e Fernando <p>Romance indianista – <i>O Guarani</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Epopeia da nacionalidade – Peri e Ceci ▶ <i>Iracema</i> – Prosa poética – Martim e Iracema <p>Romance regionalista – <i>O Gaúcho</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Manuel Canho e Catita <p>Romance histórico – <i>A Guerra dos Mascates</i></p>
Sertanismo	<p>Bernardo Guimarães</p> <p><i>A Escrava Isaura</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ A escravidão ▶ Personagens – Isaura e Álvaro <p><i>O Seminarista</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ O celibato ▶ Personagens – Eugênio e Margarida
	<p>Visconde de Taunay</p> <p><i>Inocência</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Amor e morte no Sertão Matogrossense ▶ Personagens – Inocência e Cirino
Manuel A. de Almeida	<p><i>Memórias de um Sargento de Milícias</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Romance de transição ▶ Crônica de costumes do período joanino ▶ Personagem – Leonardo (anti-herói)

Em *Lucíola*, o pernambucano Paulo narra sua história de amor com Lúcia, uma famigerada cortesã que vivia no Rio de Janeiro. O rapaz, estudante de Direito na capital, encontra Lúcia e apaixona-se perdidamente pela moça. Ela corresponde ao sentimento de Paulo, embora apresente um comportamento contraditório. Paulo, depois de um longo período de incertezas, decide-se por viver esse grande amor e, então, surgem as revelações. O nome verdadeiro de Lúcia era Maria da Glória e ela só havia se prostituído por necessidade. No final, Maria da Glória morre em decorrência de um problema de gravidez, enquanto Paulo cuida da única irmã (Ana) de sua amada.



Em *Iracema*, a lenda do Ceará, o conceito de nação edifica-se, simbolicamente, na relação da índia tabajara Iracema com o colonizador português Martim. Fruto dessa união nasce Moacir, o filho da dor, e representante de um país em nascimento.

Essa obra possui a particularidade de ser escrita em uma prosa que simula, linguisticamente, a poesia. Vejamos, na sua memorável abertura, alguns recursos estéticos utilizados por Alencar:

Início em trechos de sete sílabas gramaticais: ritmo e musicalidade.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Comparação

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Diálogo com a natureza.

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Lenda do Ceará

Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Menção a Martim e Moacir.

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando velocidade, mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

Menção à Iracema.

– Iracema!

Realismo - Naturalismo

O **Realismo** e o **Naturalismo** desenvolveram-se enquanto estilos de época como uma consequência estética de um mundo em transformação. A segunda metade do século XIX ficou marcada pelo inacreditável progresso científico que fez com que surgisse toda a sorte de teorias, transformando a maneira do homem de se relacionar com a realidade. É o contexto da aparição do **Evolucionismo**, de Darwin; do **Determinismo**, de Taine; do **Positivismo**, de Comte; do **Comunismo**, de Marx e Engels, entre outras correntes menores.

Essa efervescência no campo do pensamento favoreceu a ascensão de um novo tipo de mentalidade intelectual que suprimiu a idealização romântica e abriu um caminho estético no qual a **objetividade** e a **busca pela verdade** tornaram-se quase uma obsessão para os escritores.

A partir dessa perspectiva, as características de ambas as escolas se estruturaram com base nessas premissas. Elencaremos, a seguir, os elementos essenciais encontrados na literatura dos autores que produziram nesse período.

A principal marca comum entre Realismo e Naturalismo é a **objetividade**. Os artistas da época, em oposição à conduta romântica, tentaram criar histórias que buscavam, em tudo, reproduzir a vida como ela era, evidenciando suas injustiças e imperfeições. Por isso, deu-se o caráter iminente crítico dessa literatura que encontra, na exposição impessoal, uma maneira de expor as contradições sociais e humanas.

A segunda característica é a **verossimilhança**. Os enredos são tramados com a intenção de passar uma sensação de veracidade, de vida real. Assim, as histórias tornam-se factíveis, explorando o que poderia ter ocorrido no mundo concreto.

Além disso, a **contemporaneidade** também se destaca. Como a ideia de realismo era uma meta a ser alcançada, os escritores voltaram suas atenções para a sociedade na qual viviam, esmiuçando com palavras as diferentes esferas que a compunham.



Cena de Família de Adolfo Augusto Pinto – obra de José Ferraz de Almeida Júnior, 1891.

Por fim, ainda, cabe destacar o **cuidado formal**. A imparcialidade realista implica, necessariamente, em uma preferência pelas frases curtas e comedimento no uso de adjetivos e figuras de linguagem. A descrição, em contrapartida, passa a assumir um papel fundamental na prosa do período.

A fim de diferenciarmos **Realismo** e **Naturalismo** é necessário, primeiramente, partirmos do fato de que o Realismo nasce primeiro, desenvolvendo-se à luz da decomposição do caráter dos personagens motivado pela **análise psicológica** proposta pelo narrador. Em consequência do paulatino rigor científico que foi se imiscuindo no mundo das artes, o Naturalismo floresceu. Diferente do Realismo, o Naturalismo sedimentou-se nos **romances de tese**, que primavam pela tentativa de comprovar, por meio da literatura, as ideias apresentadas pelas comunidades científicas. A principal influência da escola foi o **Determinismo**. Em acordo com essa teoria, os romances naturalistas procuraram, de modo geral, revelar o homem determinado por suas condições sociais (meio, contexto histórico) ou biológicas (raça, hereditariedade), desencadeando uma série de comportamentos patológicos que vicejavam naturalmente.

Principais autores e obras

Machado de Assis

Contos

- ▶ Os principais temas abordados são: a loucura, o adultério, a ambiguidade feminina, a ganância e a vaidade;
- ▶ composição do espaço carioca;
- ▶ ironia;
- ▶ pessimismo;
- ▶ análise psicológica;
- ▶ interferência do narrador.
- ▶ **Outras obras de Machado de Assis:** *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*.



Capítulo CXXIII / Olhos de ressaca

Frases curtas: concisão.

Análise criteriosa de Bento.

Comparação dos olhos de Capitu com as ondas do mar que tragaram Escobar.

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retina também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

Machado de Assis – Dom Casmurro.

Capitu não chora, diferente de todas as outras mulheres. Mesmo assim, Bento enxerga seu olhar apaixonado.

Apesar da convicção de Bento, o verbo “parecer” não indica certeza absoluta.

Aluísio de Azevedo

► **O Cortiço:** esse romance focaliza o Rio de Janeiro e sua crescente urbanização no século XIX. O ambiente coletivo é o meio transformador da ação dos personagens.

Em *O Cortiço*, por exemplo, a habitação coletiva característica do Rio de Janeiro do século XIX torna-se o meio responsável por condicionar a ação dos personagens, fazendo com que ajam conforme seus instintos, bem ao modelo naturalista. Assim, afloram toda a sorte de patologias associadas aos estudos científicos da época, como o alcoolismo, a avareza, os distúrbios sexuais, entre outros. Nesse contexto, aparece João Romão, vendeiro português que constrói um cortiço imenso com a ajuda de uma escrava chamada Bertoleza, com quem vivia. Dessa forma, o livro vai acompanhando, concomitantemente, a ascensão econômica e social de João Romão (e sua disputa com o também português Miranda) e a vida conturbada no cortiço, com seus personagens desajustados.

O Ateneu, Raul Pompeia.

Raul Pompeia é, de fato, um caso à parte na Literatura Brasileira. Se, em *Canções sem metro*, o escritor elabora um livro encantador de poesia em formato de prosa, é *O ateneu* que o coloca na condição de artista canônico.

Adolfo Caminha

O escritor cearense Adolfo Caminha teve seu enfoque narrativo nos casos de corrupção e animalização dos sujeitos. O determinismo do meio e da raça é uma das marcas do escritor. Em *O Bom Crioulo*, mostra a vida de Amaro, o Bom Crioulo, escravo fugido que ingressa na marinha e lá se envolve com o jovem Aleixo, sua antítese física. A despeito dos casos de relações sexuais homoafetivas existentes na marinha, a diferença de Amaro é que ele se envolve sentimentalmente com Aleixo, fazendo com que o rapaz lhe tome ojeriza. Assim, escravo de seus instintos e sentimentos, Amaro acaba por matar Aleixo quando descobre que este está envolvido com a portuguesa Carolina.

Parnasianismo



Características do período

- ▶ Objetividade;
- ▶ rigor formal;
- ▶ descritivismo;
- ▶ arte pela arte.

Principais autores e obras

- ▶ Alberto de Oliveira, *Vaso Grego*.

Vaso Grego

Descritivismo

Esta de áureos relevos, **trabalhada**,
De divas mãos, brilhante copa, um **dia**,
Já de aos deuses servir como **cansada**,
Vinda do Olimpo, a um novo deus **servia**.

Rimas
cruzadas

Mitologia

Era o poeta de Teos que o suspendia
Então, e, ora repleta ora esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinha,
Toda de roxas pétalas colmada.

Vaso = Beleza

Objeto trabalhado

Depois... Mas, o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

Hipérbatos

- ▶ Raimundo Correia, *As Pombas*.

A Cavalgada

Os sons rompem
com o silêncio
noturno.

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O **som** longínquo vem-se aproximando
Do **galopar** de estranha cavalgada.

A visão e, prin-
cipalmente, a
audição do leitor
são recrutadas
por meio da
linguagem.

Após a passagem dos
fidalgos, a solidão se
restabelece. Porém,
com uma ligeira mo-
dificação: o primeiro
e o último versos, por
apresentarem uma
organização frasal dife-
rente, sugerem que a
paisagem não permane-
ce exatamente igual.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm **rindo**, vêm **cantando**.
E as trompas a **soar** vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o **bosque estala**, move-se, estremece...
Da cavalgada o **estrépito** que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

Diminuição
dos sons

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacentas
A lua a estrada solitária banha...



► Olavo Bilac, *Via Láctea*.

Ouvir estrelas

Diálogo entre o eu-lírico e o interlocutor.

Constantes elisões

Resposta romântica ao interlocutor.

“Ora (**direis**) ouvir estrelas! **Certo**,
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no **entanto**,
Que, para ouvi-las, muitas vezes **desperto**
E abro as janelas, pálido de **espanto**...

E conversamos toda a noite,
enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. **E, ao** vir do sol, **saudoso e em** pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “**Tresloucado amigo!**
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Perfeição formal:
uso do soneto,
rimas ricas e
encadeamentos
semânticos entre
versos.

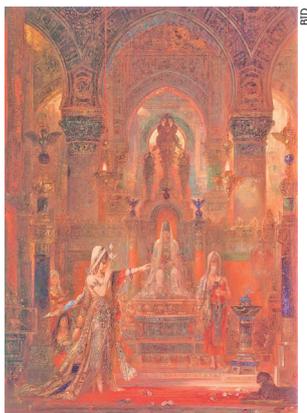
Suposta voz do
interlocutor

Unidade 5

Simbolismo

Características do período

- ▶ Sugestividade;
- ▶ culto ao vago;
- ▶ espiritualidade;
- ▶ musicalidade.



Salomé dançando em frente a Herodes – obra de Gustave Moreau, 1876. A imagem referencia sugestividade, musicalidade e espiritualidade.

Principais autores e obras

- ▶ Cruz e Souza, *Violões que choram*.

Cárcere das almas

Soneto

Ah! **Toda a alma num cárcere anda presa**,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

O corpo é tratado,
simbolicamente,
como um cárcere,
uma prisão.

Personificação da alma que anseia pela libertação.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Letras maiúsculas:
simbologia reforçada.

Musicalidade

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que **chaveiro do Céu possui as chaves**
para abrir-vos as portas do Mistério?!

Chaveiro do céu:
responsável pela
libertação da alma



► Alphonsus Guimarães, *A Catedral*.

Ismália

Anáfora

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a **sonhar**...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

Universo onírico:
relativo a sonhos,
portanto distante
da realidade
imediate.

Seu afã por "subir
ao céu" simboliza
busca pelo mistério
transcendental.

No **sonho** em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

Uso de reticên-
cias: sugestão.

Musicalidade nas
rimas.

E, no desvario seu,
Na **torre** pôs-se a **cantar**...
Estava perto do céu,
Estava longe do **mar**...

Torre: símbolo de
interioridade.

Comparação

E **como um anjo** pendeu
As asas para voar...
Queria a **lua** do céu,
Queria a **lua** do mar...

Libertação místi-
ca: corpo e alma.

As asas que **Deus** lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua **alma** subiu ao céu,
Seu **corpo** desceu ao mar...

Lua: símbolo relativo
ao universo feminino.

HABILIDADES À PROVA 1

» Romantismo

○ 1. (UFSM)

Saudades

[...]

E por três noites padeci três anos,
Na vida cheia de saudade infinda...
Três anos de esperança e de martírio...
Três anos de sofrer – e espero ainda!

A ti se ergueram meus doridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso:
Votei-os à imagem dos amores
Pra velá-la nos sonhos como incenso!

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e d'esperança!
Mas hoje o coração desbota, esfria,
E do peito no túmulo descansa!

[...]

Saudades, de Álvaro de Azevedo, é um típico poema romântico, cujo elemento dominante é o sofrimento por amor descrito pela experiência do sujeito lírico. Em relação ao trecho transcrito, é correto afirmar que:

- a) a dor de amor do sujeito lírico demonstra que o sentimento pela amada, embora intenso, não foi plenamente vivido.
- b) a tristeza do sujeito lírico é decorrente do pouco de vivência desse amor, pois a amada está morta.
- c) a impotência do sujeito lírico quanto à realização do amor se deve ao fato de que ele não se declarou à amada enquanto ela vivia.
- d) a impossibilidade de viver esse amor levou o sujeito lírico a sepultar qualquer sentimento amoroso.
- e) a lembrança desse amor morre no peito do sujeito lírico, após a morte da amada.

○ 2. (ENEM)

Texto 2

Canto de regresso à Pátria

Minha terra tem palmeiras
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Minha terra tem mais rosas
E quase tem mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que eu veja a rua 15
e o progresso de São Paulo

ANDRADE, O. Cadernos de poesia do aluno Oswald. São Paulo: Circulo do Livro. s/d.

Os textos 1 e 2, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que:

- a) o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, é o tom de que se revestem os dois textos.
- b) a exaltação da natureza é a principal característica do texto 2, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto 1.
- c) o texto 2 aborda o tema da nação, como o texto 1, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
- d) o texto 1, em oposição ao texto 2, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- e) ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

Instrução: Textos para as questões 3 e 4.

O canto do guerreiro

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
– Ouvi-me, Guerreiros,
– Ouvi meu cantar.

Valente na guerra,
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
– Guerreiros, ouvi-me;
– Quem há, como eu sou?

Gonçalves Dias.

Macunaíma

(Epílogo)

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto... Um silêncio imenso dormia à beira do rio Uraricoera. Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do Herói?

Mário de Andrade.

○ 3. (ENEM) A leitura comparativa dos dois textos acima indica que:

- a) ambos têm como tema a figura do indígena brasileiro apresentada de forma realista e heroica, como símbolo máximo do nacionalismo romântico.
- b) a abordagem da temática adotada no texto escrito em versos é discriminatória em relação aos povos indígenas do Brasil.
- c) as perguntas “– Quem há, como eu sou?” (1º texto) e “Quem podia saber do Herói?” (2º texto) expressam diferentes visões da realidade indígena brasileira.
- d) o texto romântico, assim como o modernista, aborda o extermínio dos povos indígenas como resultado do processo de colonização no Brasil.
- e) os versos em primeira pessoa revelam que os indígenas podiam expressar-se poeticamente, mas foram silenciados pela colonização, como demonstra a presença do narrador, no segundo texto.



○ 4. (ENEM) Considerando-se a linguagem desses dois textos, verifica-se que:

- a) a função da linguagem centrada no receptor está ausente tanto no primeiro quanto no segundo texto.
- b) a linguagem utilizada no primeiro texto é coloquial, enquanto, no segundo, predomina a linguagem formal.
- c) há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.
- d) a função da linguagem, no primeiro texto, centra-se na forma de organização da linguagem e, no segundo, no relato de informações reais.
- e) a função da linguagem centrada na primeira pessoa, predominante no segundo texto, está ausente no primeiro.

○ 5. (ENEM)

Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,
Nos lábios meus o alento desfalece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o sono reter!... já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, A. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é:

- a) a angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.
- b) a melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.
- c) o descontrole das emoções provocado pela autopiedade.
- d) o desejo de morrer como alívio para a desilusão amorosa.
- e) o gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.

○ 6. (ENEM)

Texto I

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!
Meu Deus, eu sinto e bem vês que eu morro
Respirando esse ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu de meu Brasil!
Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! Não seja já!
Eu quero ouvir cantar na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

ABREU, C. Poetas românticos brasileiros. São Paulo: Scipione, 1993.

Texto II

A ideologia romântica, argamassada ao longo do século XVIII e primeira metade do século XIX, introduziu-se em 1836. Durante quatro decênios, imperaram o “eu”, a anarquia, o liberalismo, o sentimentalismo, o nacionalismo, através da poesia, do romance, do teatro e do jornalismo (que fazia sua aparição nessa época).

MOISÉS, M. A literatura brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1971 (fragmento).

De acordo com as considerações de Massaud Moisés no texto II, o texto I centra-se:

- a) no imperativo do “eu”, reforçando a ideia de que estar longe do Brasil é uma forma de estar bem, já que o país sufoca o eu-lírico.
- b) no nacionalismo, reforçado pela distância da pátria e pelo saudosismo em relação à paisagem agradável onde o eu-lírico vivera a infância.
- c) na liberdade formal, que se manifesta na opção por versos sem métrica rigorosa e temática voltada para o nacionalismo.
- d) no fazer anárquico, entendida a poesia como negação do passado e da vida, seja pelas opções formais, seja pelos temas.
- e) no sentimentalismo, por meio do qual se reforça a alegria presente em oposição à infância, marcada pela tristeza.



○ 7. (UFSM) Leia com atenção as seguintes estrofes de *A cruz da estrada*, de Castro Alves:

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

As duas estrofes apresentam vocábulos do mesmo campo semântico, como cruz, paz, solidão, sono, leito. Pode-se, através dessas estrofes, inferir que:

- I. o escravo dorme depois de um dia estafante de trabalho.
- II. "sono" e "liberdade o desposou" são eufemismos para a morte.
- III. o eu lírico, que é o próprio escravo, dirige-se ao leitor, em 2ª pessoa.
- IV. o eu lírico se dirige ao caminheiro.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas II e III.
- e) apenas II e IV.

○ 8. (UFSM) No governo de D. João VI, diversas medidas progressistas - a abertura dos portos, a instituição de museu, arquivo, biblioteca pública, imprensa - contribuíram para estimular a emancipação política do Brasil. Em meados do século, a literatura veio impulsionar a formação da consciência nacional através da valorização da cor local e do indianismo.

Compare os dois poemas a seguir.

Poema 1

Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida.
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o Sabiá.
[...]

Poema 2

[...]
"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

O sol faz lá tudo em fogo.
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a *papa-ceia*!^{*}

Aquelas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar...

Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".
[...]

^{*} planeta Vênus

Verifique se as afirmações sobre os poemas são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- () No primeiro poema, o sujeito lírico encontra-se num país europeu; no segundo, o eu lírico está exilado no continente africano.
- () Em ambos os poemas, as oposições espaciais são enfatizadas por advérbios de lugar.
- () Tanto em um quanto em outro, a cor local é acentuada por adjetivos de conotações visuais.
- () Ufanismo no primeiro e denúncia social no segundo situam, respectivamente, os poemas na primeira e terceira fases do romantismo brasileiro.
- () O primeiro poema é de Gonçalves de Magalhães e o segundo, de Castro Alves. Ambos os textos são compostos por redondilhas maiores e apresentam rimas cruzadas.

A sequência correta é:

- a) V - V - F - V - F.
- b) F - F - V - V - F.
- c) V - F - V - F - V.
- d) F - V - F - V - F.
- e) V - V - F - F - V.

○ 9. (UFSM) Se tratamos de minorias, não é possível ignorar que as mulheres lutam, ainda, por seus direitos. No Romantismo elas não tinham essa opção e eram vistas de modo bem diferente. Leia agora o poema com atenção:

Soneto

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no peito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

Considerando a primeira estrofe do Soneto de Álvares de Azevedo, há uma comparação entre a mulher amada e _____; considerando as duas primeiras estrofes, é possível afirmar que a mulher é esboçada como _____ e _____.

Assinale as palavras que preenchem corretamente as lacunas.

- a) as flores - etérea - impalpável
- b) as flores - submissa - sensual
- c) a lua - etérea - impalpável
- d) a lua - submissa - sensual
- e) as nuvens - etérea - impalpável



○ 10. (UFSM) Poeticamente, o sal metaforiza o mar, as lágrimas, a força de viver. Castro Alves, em sua obra poética, lança mão desse recurso para unir arte e crítica social. Observe os fragmentos:

Fragmento 1 - "A Canção do Africano"

Lá, na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

Fonte: CASTRO ALVES, 1995, p. 100.

Fragmento 2 - "O Navio Negroiro"

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Fonte: CASTRO ALVES, 1995, p. 137.

Em relação a esses versos, é possível afirmar:

I - O canto, as saudades e o pranto do escravo, no primeiro fragmento, são decorrentes do cativo resultante da escravidão, situação aviltante ao ser humano.

II - O "horror perante os céus" a que se refere o eulírico, no segundo fragmento, corresponde ao tráfico de escravos, mácula sociomoral que envergonha o Brasil.

III - Em ambos os fragmentos, a crueldade da escravidão se faz presente.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s):

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e II apenas.
- d) III apenas.
- e) I, II e III.

○ 11. (UFSM)

Por que mentias? Por que mentias leviana e bela?
Se minha face pálida sentias
Queimada pela febre, e se minha vida
Tu vias desmaiar, por que mentias?
Acordei da ilusão, a sós morrendo
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro...
Leviana sem dó, por que mentias?
[...]
Vê minha palidez - a febre lenta
Esse fogo das pálpebras sombrias...
Pousa a mão no meu peito! Eu morro! eu morro!
Leviana sem dó, por que mentias?

Fonte: ÁLVARES DE AZEVEDO, 1994, p. 87.

Ainda uma vez - adeus! - [XVIII]
Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; - e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, - de compaixão.

Fonte: GONÇALVES DIAS, 2000, p. 63-68.

Uma leitura comparativa dos excertos permite afirmar que os dois eus-líricos:

- a) sentem-se imperturbados pelo sentimento amoroso não correspondido.
- b) realizam o amor na sua plenitude justamente porque sofrem com ele.
- c) censuram o descaso com que é tratado seu sentimento amoroso.
- d) externam prazer quanto ao sentimento amoroso que despertam.
- e) sentem-se satisfeitos com o sofrimento amoroso, apesar da dor.

○ 12. (UFSM) A literatura romântica é conhecida por representar as doenças da alma. O poeta romântico não tenta controlar, esconder seus sentimentos, como fazia o poeta clássico. Ao contrário, ele confessa seus conflitos mais íntimos. Por isso, predominam no Romantismo o desespero, a aflição, a instabilidade, a sensação de desamparo que leva a maioria dos poetas a pensar na morte, como acontece no fragmento do poema "Mocidade e morte", de Castro Alves:

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida:
Triste Ahasverus*, que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.
Sou o cipreste, qu'inda mesmo flórido,
Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo - que vaga sobre o chão da morte,
Morto - entre os vivos a vagar na terra.

*Ahasverus: Jesus ter-lhe-ia amaldiçoado, condenando-o a vagar pelo mundo sem nunca morrer.

Qual o estado sentimental do sujeito lírico nessa estrofe?

- a) Sente-se muito próximo da morte, devido aos males causados por uma grave doença física.
- b) Deseja a morte, pois só na eternidade seria capaz de encontrar a paz do espírito.
- c) Sente-se muito próximo da morte, devido à tristeza profunda que lhe devora a alma.
- d) Sente-se totalmente morto, pois não lhe resta nenhum sinal de vida.
- e) Sente-se muito próximo da morte, pois não é capaz de lutar pela vida.



HABILIDADES À PROVA 2

» Prosa Romântica

○ 1. (ENEM) Pobre Isaura! Sempre e em toda parte esta contínua importunação de senhores e de escravos, que não a deixam sossegar um só momento! Como não devia viver aflito e atribulado aquele coração! Dentro de casa contava ela quatro inimigos, cada qual mais porfiado em roubar-lhe a paz da alma, e torturar-lhe o coração: três amantes. Leôncio, Belchior, e André, e uma êmula terrível e desapiedada, Rosa. Fácil lhe fora repelir as importunações e insolências dos escravos e criados; mas que seria dela, quando viesse o senhor?!...

GUIMARÃES, B. A escrava Isaura. São Paulo: Ática, 1995 (adaptado).

O personagem Isaura, como afirma o título do romance, era uma escrava. No trecho apresentado, os sofrimentos porque passa a protagonista:

- a) assemelham-se aos das demais escravas do país, o que indica o estilo realista da abordagem do tema da escravidão pelo autor do romance.
- b) demonstram que, historicamente, os problemas vividos pelas escravas brasileiras, como Isaura, eram mais de ordem sentimental do que física.
- c) diferem dos que atormentavam as demais escravas do Brasil do século XIX, o que revela o caráter idealista da abordagem do tema pelo autor do romance.
- d) indicam que, quando o assunto era o amor, as escravas brasileiras, de acordo com a abordagem lírica do tema pelo autor, eram tratadas como as demais mulheres da sociedade.
- e) revelam a condição degradante das mulheres escravas no Brasil, que, como Isaura, de acordo com a denúncia feita pelo autor, eram importunadas e torturadas fisicamente pelos seus senhores.

○ 2. (ENEM) "Ele era o inimigo do rei", nas palavras de seu biógrafo, Lira Neto. Ou, ainda, "um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil". Assim era José de Alencar (1829-1877), o conhecido autor de *O guarani* e *Iracema*, tido como o pai do romance no Brasil. Além de criar clássicos da literatura brasileira com temas nativistas, indianistas e históricos, ele foi também folhetinista, diretor de jornal, autor de peças de teatro, advogado, deputado federal e até ministro da Justiça. Para ajudar na descoberta das múltiplas facetas desse personagem do século XIX, parte de seu acervo inédito será digitalizada.

História Viva, nº 99, 2011.

Com base no texto, que trata do papel do escritor José de Alencar e da futura digitalização de sua obra, depreende-se que:

- a) a digitalização dos textos é importante para que os leitores possam compreender seus romances.
- b) o conhecido autor de *O guarani* e *Iracema* foi importante porque deixou uma vasta obra literária com temática atemporal.
- c) a divulgação das obras de José de Alencar, por meio da digitalização, demonstra sua importância para a história do Brasil Imperial.
- d) a digitalização dos textos de José de Alencar terá importante papel na preservação da memória linguística e da identidade nacional.
- e) o grande romancista José de Alencar é importante porque se destacou por sua temática indianista.

○ 3. (ENEM) No decênio de 1870, Franklin Távora defendeu a tese de que no Brasil havia duas literaturas independentes dentro da mesma língua: uma do Norte e outra do Sul, regiões segundo ele muito diferentes por formação histórica, composição étnica, costumes, modismos linguísticos etc. Por isso, deu aos romances regionais que publicou o título geral de *Literatura do Norte*. Em nossos dias, um escritor gaúcho, Viana Moog, procurou mostrar com bastante engenho que no Brasil há, em verdade, literaturas setoriais diversas, refletindo as características locais.

CANDIDO, A. A nova narrativa. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 2003.

Com relação à valorização, no romance regionalista brasileiro, do homem e da paisagem de determinadas regiões nacionais, sabe-se que:

- a) o romance do Sul do Brasil se caracteriza pela temática essencialmente urbana, colocando em relevo a formação do homem por meio da mescla de características locais e dos aspectos culturais trazidos de fora pela imigração europeia.
- b) José de Alencar, representante, sobretudo, do romance urbano, retrata a temática da urbanização das cidades brasileiras e das relações conflituosas entre as raças.
- c) o romance do Nordeste caracteriza-se pelo acentuado realismo no uso do vocabulário, pelo temário local, expressando a vida do homem em face da natureza agreste, e assume frequentemente o ponto de vista dos menos favorecidos.
- d) a literatura urbana brasileira, da qual um dos expoentes é Machado de Assis, põe em relevo a formação do homem brasileiro, o sincretismo religioso, as raízes africanas e indígenas que caracterizam o nosso povo.
- e) Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Simões Lopes Neto e Jorge Amado são romancistas das décadas de 30 e 40 do século XX, cuja obra retrata a problemática do homem urbano em confronto com a modernização do país promovida pelo Estado Novo.



○ 4. (ENEM) Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor? Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros. Aurélia era órfã; tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse. Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade era desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

ALENCAR, J. *Senhora*. São Paulo: Ática, 2006.

O romance *Senhora*, de José de Alencar, foi publicado em 1875. No fragmento transcrito, a presença de D. Firmina Mascarenhas como “parenta” de Aurélia Camargo assimila práticas e convenções sociais inseridas no contexto do Romantismo, pois:

- a) o trabalho ficcional do narrador desvaloriza a mulher ao retratar a condição feminina na sociedade brasileira da época.
- b) o trabalho ficcional do autor mascara os hábitos sociais no enredo de seu romance.
- c) as características da sociedade em que Aurélia vivia são remodeladas na imaginação do narrador romântico.
- d) o narrador evidencia o cerceamento sexista à autoridade da mulher, financeiramente independente.
- e) o narrador incorporou em sua ficção hábitos muito avançados para a sociedade daquele período histórico.

○ 5. (ENEM)

Texto I A invasão dos marcianos

O cineasta Orson Welles, em outubro de 1938, propôs à rádio Columbia Broadcasting System uma transmissão diferente: uma adaptação de *A guerra dos mundos*. A obra é um dos livros de ficção científica mais famosos do escritor H. G. Wells. Na época de sua publicação, foi considerado perigoso, pois poderia causar fobias nos leitores.

Depois de passar 15 dias convencendo a direção da rádio a não colocar a locução na programação do dia, a transmissão foi ao ar às 20 horas do dia 30 de outubro daquele ano.

Depois das previsões meteorológicas, a rádio começou a tocar música. Houve uma interrupção brusca e o locutor disse: “A CBS interrompe seu programa para anunciar aos ouvintes que um meteoro de grandes dimensões caiu em Grovers Hill, no Estado de Nova Jersey, a algumas milhas de Nova York”. A música voltou e novamente foi interrompida para a entrevista com um professor de meteorologia sobre a origem dos meteoros. Em seguida, entrou no ar um repórter falando sobre o meteoro e os muitos curiosos ao redor. Então, o enviado especial começou a descrever o meteoro se abrindo e dele saindo seres gigantescos com tentáculos. De repente, ele foi morto por raio disparado pelos seres extraterrestres.

Logo chegaram à CBS as primeiras notícias de que a população estava histérica. No entanto, o diretor da estação resolveu não anunciar que tudo não passava de uma transmissão fictícia

e decidiu continuar “Vocês acabaram de ouvir a primeira parte de uma irradiação de Orson Welles, que radiofonizou a obra *A guerra de dois mundos*, do famoso escritor inglês H. G. Wells”.

Disponível em: www.pucrs.br. Acesso em: 10 out. 2011.

Texto II Escrava Isaura

As novelas brasileiras fazem muito sucesso no exterior. A adaptação do romance *A Escrava Isaura* é um exemplo de sucesso mundial. Segundo o *Guia dos Curiosos*, “seu sucesso no exterior foi tamanho que influenciou acontecimentos importantes da História”. O site registra também que “em Cuba, o governo chegou a cancelar o racionamento de energia elétrica durante o horário da novela”.

Disponível em: www.guiadoscuriosos.com.br. Acesso em: 10 out. 2011.

Os textos I e II tratam da adaptação de obras ficcionais para o rádio e a televisão, tecnologias de comunicação e informação predominantes em determinadas épocas. São efeitos sociais dessas respectivas transmissões:

- a) a negação dos avanços tecnológicos e a resistência a ideais políticos totalitários.
- b) a diminuição no número de leitores e o veto político a autores de pouca confiabilidade.
- c) a confirmação das limitações tecnológicas do rádio e a independência política da televisão.
- d) a alteração no modo de apreensão da realidade e a interferência em decisões oficiais.
- e) a desvalorização de obras literárias e a alteração na hegemonia do regime político de Cuba.

○ 6. (ENEM) No trecho abaixo, o narrador, ao descrever o personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o romantismo.

“Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.”

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao romantismo está transcrita na alternativa:

- a) ... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas...
- b) ... era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça...
- c) Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno...
- d) Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos...
- e) ... o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.



○ 7. (ENEM)

O Sertão e o Sertanejo

Ali começa o sertão chamado bruto. Nesses campos, tão diversos pelo matiz das cores, o capim crescido e ressecado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incêndio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, atea com uma faúlha do seu isqueiro. Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se alongam diante dela. O fogo, detido em pontos, aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como sinal da avassaladora passagem o alvacentos lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos. Por toda a parte melancolia; de todos os lados téticas perspectivas. É cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar as pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida.

TAUNAY, A. Inocência. São Paulo: Ática, 1993 (adaptado).

O romance romântico teve fundamental importância na formação da ideia de nação. Considerando o trecho acima, é possível reconhecer que uma das principais e permanentes contribuições do Romantismo para construção da identidade da nação é a:

- a) possibilidade de apresentar uma dimensão desconhecida da natureza nacional, marcada pelo subdesenvolvimento e pela falta de perspectiva de renovação.
- b) consciência da exploração da terra pelos colonizadores e pela classe dominante local, o que coibiu a exploração desenfreada das riquezas naturais do país.
- c) construção, em linguagem simples, realista e documental, sem fantasia ou exaltação, de uma imagem da terra que revelou o quanto é grandiosa a natureza brasileira.
- d) expansão dos limites geográficos da terra, que promoveu o sentimento de unidade do território nacional e deu a conhecer os lugares mais distantes do Brasil aos brasileiros.
- e) valorização da vida urbana e do progresso, em detrimento do interior do Brasil, formulando um conceito de nação centrado nos modelos da nascente burguesia brasileira.

○ 8. (ENEM) Estas palavras ecoavam docemente pelos atentos ouvidos de Guaraciaba, e lhe ressoavam n'alma como um hino celestial. Ela sentia-se ao mesmo tempo enternecida e ufana por ouvir aquele altivo e indômito guerreiro pronunciar a seus pés palavras do mais submisso e mavioso amor, e respondeu-lhe cheia de emoção: - Itajiba, tuas falas são mais doces para minha alma que os favos da jataí, ou o suco delicioso do abacaxi. Elas fazem-me palpitar o coração como a flor que estremece ao bafejo perfumado das brisas da manhã. Tu me amas, bem o sei, e o amor que te consagro também não é para ti nenhum segredo, embora meus lábios não o tenham revelado. A flor, mesmo nas trevas, se trai pelo seu perfume; a fonte do deserto, escondida entre os rochedos, se revela por seu murmúrio ao caminhante sequioso. Desde os primeiros momentos tu viste meu coração abrir-se para ti, como a flor do manacá aos primeiros raios do sol.

GUIMARÃES, B. O ermitão de Muquém. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 7 out. 2015.

O texto de Bernardo Guimarães é representativo da estética romântica. Entre as marcas textuais que evidenciam a filiação a esse movimento literário está em destaque a

- a) referência a elementos da natureza local.
- b) exaltação de Itajiba como nobre guerreiro.
- c) cumplicidade entre o narrador e a paisagem.
- d) representação idealizada do cenário descrito.
- e) expressão da desilusão amorosa de Guaraciaba.

○ 9. (ENEM)

A escrava

— Admira-me —, disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas —; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

— Para que se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado.

REIS, M. F. Úrsula e outras obras. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018.

Inscrito na estética romântica da literatura brasileira, o conto descortina aspectos da realidade nacional no século XIX ao:

- a) revelar a imposição de crenças religiosas a pessoas escravizadas.
- b) apontar a hipocrisia do discurso conservador na defesa da escravidão.
- c) sugerir práticas de violência física e moral em nome do progresso material.
- d) relacionar o declínio da produção agrícola e comercial a questões raciais.
- e) ironizar o comportamento dos proprietários de terra na exploração do trabalho.



○ 10. (UFSM) *Inocência* é a história de um amor impossível que envolve Cirino, prático de Farmácia no exercício da Medicina, e Inocência, uma jovem do sertão de Mato Grosso, filha de Pereira, pequeno proprietário que reproduz a mentalidade vigente entre os habitantes da região.

O livro:

I. destaca-se pelo estilo pitoresco, pelo emprego de termos e expressões típicos e regionais e pela descrição de aspectos da paisagem brasileira.

II. classifica-se na vertente indianista do romantismo brasileiro.

III. apresenta o desejo de explorar e investigar o Brasil do interior, filiando-se a uma tradição romanesca bastante apreciada em nossa literatura.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 11. (UFSM) Um importante ofício, na época, era o de barbeiro, porquanto este desempenhava também outras funções, numa cidade carente de serviços sociais. É o que se observa abaixo:

No Largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba: mãos à obra, que já naquele dia não morria de fome.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer: começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

[...]

- O mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

- Sim, eu também sangro...

- Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo: morre-se ali que é uma praga.

- Homem, eu da cirurgia não entendo *muito*...

- Pois já não disse que sabe também sangrar?

- Sim...

- Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela baixa fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar: de oficial de barbeiro dava um salto mortal a *médico* de navio negreiro: restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico: ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

O texto literário transcrito acima faz parte do romance _____, crônica da coletividade urbana do Rio de Janeiro contemporâneo de D. João VI. O barbeiro de que se fala é _____. As palavras "mãos à obra, que já não morria de fome" referem-se a ele e são expressas em _____.

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas.

- a) Memórias de um sargento de milícias - José Manoel - discurso direto
- b) Memórias póstumas de Brás Cubas - Leonardo - discurso indireto
- c) Memórias de um sargento de milícias - o padrinho de Leonardo - discurso indireto livre
- d) Memórias póstumas de Brás Cubas - Vidigal - discurso direto
- e) Memórias de um sargento de milícias - o pai de Leonardo - discurso indireto livre



BARBEIRO
Geralmente negro ou mulato, o "oficial de barbeiro", como era conhecido, também deveria ser um bom cabeleireiro, cirurgião e aplicador de sanguessugas, ou bichas - acreditava-se que a prática curava doenças.



○ 12. (UFSM) Leia com atenção o excerto a seguir, retirado do capítulo XXI de “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo (1998, p. 140-141).

“Em uma das ruas do jardim duas rolinhas mariscavam: mas, ao sentirem passos, voaram e pousando não longe, em um arbus-to, começaram a beijar-se com ternura; e esta cena se passava aos olhos de Augusto e Carolina!...

Igual pensamento, talvez, brilhou em ambas aquelas almas, porque os olhares da menina e do moço se encontraram ao mes-mo tempo e os olhos da virgem modestamente se abaixaram e em suas faces se acendeu um fogo, que era o do pejo. E o mancebo, apontando para ambos, disse:

- Eles se amam!
- E a menina murmurou apenas:
- São felizes!
- Pois acredita que em amor possa haver felicidade?
- Às vezes.
- Acaso, já tem a senhora amado?
- Eu?!... e o senhor?
- Comecei a amar há poucos dias.

A virgem guardou o silêncio e o mancebo, depois de alguns instantes, perguntou tremendo:

- E a senhora já ama também?

Novo silêncio; ela pareceu não ouvir, mas suspirou. Ele falou menos baixo:

- Já ama também?

Ela abaixou ainda mais os olhos e com voz quase extinta disse:

- Não... Não sei... talvez...”

Fonte: MACEDO, J. M. de. A Moreninha. 7. ed. São Paulo: FTD, 1998.

Quanto ao referido romance, é correto afirmar que:

- a) as duas aves se beijando, aos olhos de Carolina e Augusto, representam a zoomorficação, característica do Naturalismo.
- b) as respostas de Carolina a Augusto são evasivas porque refletem o comportamento feminino típico do Romantismo: a dissimulação, a afetação, o ardil.
- c) a fragmentação, a hipocrisia, o nacionalismo e a ironia estão presentes no trecho em destaque, caracterizando “A Moreninha” como um romance romântico.
- d) aspectos como o baixar os olhos, o rubor nas faces e o suspi-ro de Carolina, durante a conversa com Augusto, evidenciam a idealização do amor romântico.
- e) os jovens Augusto e Carolina, por questões financeiras, eram noivos prometidos desde a infância, o que se constitui uma crítica social do autor ao seu tempo – século XIX.

Anotações:

○ 13. (UFSM) O nacionalismo literário do Romantismo brasi-leiro tem na prosa indianista sua maior expressão. Leia atenta-mente o excerto seguinte e marque verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa sobre ele.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a bau-nilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal ro-çando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Fonte: ALENCAR, 1999, p. 20.

- () O nacionalismo se traduz, nesse trecho, pela escolha do léxico, que incorpora palavras em tupi, por exemplo.
- () Os atributos da protagonista metaforizam o paraíso, traçando um paralelo entre Iracema e a terra que recebe o colonizador.
- () A figura indígena é idealizada, como são idealizados também o espaço e as origens do povo brasileiro ao longo do romance.
- () A caracterização de Iracema assinala sua total integração à natureza.

A sequência correta é:

- a) F – V – V – F.
- b) V – F – F – V.
- c) F – V – F – V.
- d) V – V – V – F.
- e) V – V – V – V.



○ 14. (UFSM) Leia o texto, a seguir sobre o romance “Iracema”, de José de Alencar.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, tinha como companheira e amiga “a graciosa ará” (p. 17), que a chamava pelo nome. Com a chegada de Martim, a ave foi esquecida. Iracema não a alimentava mais, “nem a doce mão a afagara uma só vez” (p. 32). Triste e muda ficou a jandaia. Passado o tempo, Iracema percebeu a sua ingratidão, a jandaia permanecera com ela tanto nos momentos de felicidade como nos de desventura. “A linda ave não deixou mais a sua senhora” (p. 69), viu o nascimento de Moacir e “desde então [...] unia em seu canto ao nome da mãe, o nome do filho” (p. 75). Mesmo no leito de morte, a jandaia, pousada no olho da palmeira, permaneceu fiel a sua amiga, velando-a tristemente. Posteriormente, “Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora” (p. 81).

Fonte: ALENCAR, J. de. Iracema. 29. ed. São Paulo: Ática, 1995.

Tendo como referência o texto lido e as características do Romance Indianista, considere as afirmativas a seguir.

- I. A natureza e os indígenas, na narrativa alencariana, são tão idealizados, que o índio é visto como herói nacional.
- II. A ironia, a personificação e a metáfora são comuns ao longo da narrativa.
- III. O Romantismo se caracteriza pela crítica à sociedade brasileira miscigenada, sendo o filho de Iracema o primeiro cearense.
- IV. Na prosa Indianista, há valorização da cultura local, com a presença de termos e expressões indígenas, para dar verossimilhança e identidade.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas III.
- c) apenas I e II.
- d) apenas I e IV.
- e) apenas II, III e IV.



HABILIDADES À PROVA 3

» Realismo - Naturalismo

○ 1. (ENEM)

Capítulo LIV - A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre as outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantador das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos.

ASSIS, M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 (fragmento).

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque:

- a) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- b) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- c) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- d) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- e) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

○ 2. (ENEM) Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho de Pórfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor: música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

AZEVEDO, A. O Cortiço. São Paulo Ática, 1983 (fragmento).

No romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, os personagens são observados como elementos coletivos caracterizados por condicionantes de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, o confronto entre brasileiros e portugueses revela prevalência do elemento brasileiro, pois:

- a) destaca o nome de personagens brasileiras e omite o de personagens portuguesas.
- b) exalta a força do cenário natural brasileiro e considera o do português inexpressivo.
- c) mostra o poder envolvente da música brasileira, que cala o fado português.
- d) destaca o sentimentalismo brasileiro, contrário à tristeza dos portugueses.
- e) atribui aos brasileiros uma habilidade maior com instrumentos musicais.

○ 3. (ENEM)

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrastra, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: www.passeiweb.com. Acesso em: 1 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de:

- a) fatos ficcionais, relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- b) representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- c) explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- d) questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- e) apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.



○ 4. (ENEM)

Capítulo III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala: um *Mefistófeles* e um *Fausto*. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, – primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ASSIS, M. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*, V. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993 (fragmento).

Quincas Borba situa-se entre as obras-primas do autor e da literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside:

- a) no conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.
- b) no sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.
- c) na referência a Fausto e Mefistófeles, que representam o desejo de eternização de Rubião.
- d) na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.
- e) na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

○ 5. (ENEM) Quincas Borba mal podia encobrir a satisfação do triunfo. Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade. Eu fiz-lhe ainda algumas objeções, mas tão frouxas, que ele não gastou muito tempo em destruí-las.

– Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executadas com o único fim de dar mate ao meu apetite.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

A filosofia de Quincas Borba – a Humanitas – contém princípios que, conforme a explanação do personagem, consideram a cooperação entre as pessoas uma forma de:

- a) erradicar a desigualdade social.
- b) lutar pelo bem da coletividade.
- c) estabelecer vínculos sociais profundos.
- d) atender a interesses pessoais.
- e) minimizar as diferenças individuais.

○ 6. (ENEM) Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

ASSIS, M. et al. *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977 (fragmento).

No fragmento desse conto de Machado de Assis, “ir ao teatro” significa “ir encontrar-se com a amante”. O uso do eufemismo como estratégia argumentativa significa:

- a) exagerar quanto ao desejo em “ir ao teatro”.
- b) personificar a prontidão em “ir ao teatro”.
- c) esclarecer o valor denotativo de “ir ao teatro”.
- d) reforçar compromisso com o casamento.
- e) suavizar uma transgressão matrimonial.

○ 7. (ENEM) E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou com a presença de Virgília. Virgília foi o meu grão de pecado de juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram?

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974 (fragmento).

A repetição é um recurso linguístico utilizado para promover a progressão textual, pois indica entrelaçamento de ideias. No fragmento de romance, as repetições foram utilizadas com o objetivo de:

- a) marcar a transição entre dois momentos distintos da narrativa, do amor do narrador por Virgília e seu nascimento.
- b) tornar mais lento o fluxo de informações, para finalmente conduzir o leitor ao tema principal.
- c) reforçar, pelo acúmulo de informações, a ideia do quanto é grande o sentimento do narrador por Virgília.
- d) representar a monotonia, caracterizadora das etapas da vida do autor: a juventude e a velhice.
- e) assegurar a sequenciação cronológica dos fatos representados e a precisão das informações.



○ 8. (ENEM) Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que não os procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito.

POMPEIA, R. O Ateneu. São Paulo: Scipione, 2005.

Ao descrever o Ateneu e as atitudes de seu diretor, o narrador revela um olhar sobre a inserção social do colégio demarcado pela:

- a) ideologia mercantil da educação, repercutida nas vaidades pessoais.
- b) interferência afetiva das famílias, determinantes no processo educacional.
- c) produção pioneira de material didático, responsável pela facilitação do ensino.
- d) ampliação do acesso à educação, com a negociação dos custos escolares.
- e) cumplicidade entre educadores e famílias, unidos pelo interesse comum do avanço social.

○ 9. (ENEM) Viam-se de cima as casas acavaladas umas pelas outras, formando ruas, contornando praças. As chaminés principiavam a fumar; deslizavam as carrocinhas multicores dos pa-deiros; as vacas de leite caminhavam com o seu passo vagaroso, parando à porta dos fregueses, tilintando o chocalho; os quiosques vendiam café a homens de jaqueta e chapéu desabado; cruzavam-se na rua os libertinos retardios com os operários que se levantavam para a obrigação; ouvia-se o ruído estalado dos carros de água, o rodar monótono dos bondes.

AZEVEDO, Aluísio de. Casa de Pensão. São Paulo: Martins, 1973.

O trecho, retirado de romance escrito em 1884, descreve o cotidiano de uma cidade, no seguinte contexto:

- a) a convivência entre elementos de uma economia agrária e os de uma economia industrial indicam o início da industrialização no Brasil, no século XIX.
- b) desde o século XVIII, a principal atividade da economia brasileira era industrial, como se observa no cotidiano descrito.
- c) apesar de a industrialização ter-se iniciado no século XIX, ela continuou a ser uma atividade pouco desenvolvida no Brasil.
- d) apesar da industrialização, muitos operários levantavam cedo, porque iam diariamente para o campo desenvolver atividades rurais.
- e) a vida urbana, caracterizada pelo cotidiano apresentado no texto, ignora a industrialização existente na época.

○ 10. (ENEM)

Comer com as mãos era um hábito comum na Europa, no século XVI. A técnica empregada pelo índio no Brasil e por um português de Portugal era, aliás, a mesma: apanhavam o alimento com três dedos da mão direita (polegar, indicador e médio) e atiravam-no para dentro da boca.

Um viajante europeu de nome Freireyss, de passagem pelo Rio de Janeiro, já no século XIX, conta como nas casas das roças despejam--se simplesmente alguns pratos de farinha sobre a mesa ou em um balainho, donde cada um se serve com os dedos, arremessando, com um movimento rápido, a farinha na boca, sem que a mínima parcela caia para fora. Outros viajantes oitocentistas, como John Luccock, Carl Seidler, Tollenare e Maria Graham descrevem esse hábito em todo o Brasil e entre todas as classes sociais. Mas para Saint-Hilaire, os brasileiros lançam a "farinha de mandioca" à boca com uma destreza adquirida, na origem, dos indígenas, e que ao europeu muito custa imitar.

Aluísio de Azevedo, em seu romance *Girândola de amores* (1882), descreve com realismo os hábitos de uma senhora abastada que só saboreava a moqueca de peixe sem talher, à mão.

Dentre as palavras listadas abaixo, assinale a que traduz o elemento comum às descrições das práticas alimentares dos brasileiros feitas pelos diferentes autores do século XIX citados no texto.

- a) Regionalismo (caráter da literatura que se baseia em costumes e tradições regionais).
- b) Intolerância (não admissão de opiniões diversas das suas em questões sociais, políticas ou religiosas).
- c) Exotismo (caráter ou qualidade daquilo que não é indígena; estrangeiro; excêntrico, extravagante).
- d) Racismo (doutrina que sustenta a superioridade de certas raças sobre outras).
- e) Sincretismo (fusão de elementos culturais diversos, ou de culturas distintas ou de diferentes sistemas sociais).



○ 11. (ENEM) Leia o texto e examine a ilustração:

Óbito do autor

(...) expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: – “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isto é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.” (...)

Adaptado de: Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. Ilustrado por Cândido Portinari.

Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943, p. 1.



Compare o texto de Machado de Assis com a ilustração de Portinari. É correto afirmar que a ilustração do pintor:

- a) apresenta detalhes ausentes na cena descrita no texto verbal.
- b) retrata fielmente a cena descrita por Machado de Assis.
- c) distorce a cena descrita no romance.
- d) expressa um sentimento inadequado à situação.
- e) contraria o que descreve Machado de Assis.

○ 12. (ENEM)

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epítogo de um livro adúltero [...].

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

ASSIS, M. A causa secreta. Disponível em: www.dominimopublico.gov.br. Acesso em: 9 out. 2015.

No fragmento, o narrador adota um ponto de vista que acompanha a perspectiva de Fortunato. O que singulariza esse procedimento narrativo é o registro do(a):

- a) indignação face à suspeita do adultério da esposa.
- b) tristeza compartilhada pela perda da mulher amada.
- c) espanto diante da demonstração de afeto de Garcia.
- d) prazer da personagem em relação ao sofrimento alheio.
- e) superação do ciúme pela comoção decorrente da morte.

○ 13. (ENEM)

- Recusei a mão de minha filha, porque o senhor é... filho de uma escrava.
- Eu?
- O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

Raimundo tornou-se lívido. Manoel prosseguiu, no fimde um silêncio:

– Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!

AZEVEDO, A. O mulato. São Paulo: Escala, 2008

Influenciada pelo ideário cientificista do Naturalismo, a obra destaca o modo como o mulato era visto pela sociedade de fins do século XIX. Nesse trecho, Manoel traduz uma concepção em que a:

- a) miscigenação racial desqualificava o indivíduo.
- b) condição econômica anulava os conflitos raciais.
- c) discriminação racial era condenada pela sociedade.
- d) escravidão negava o direito da negra à maternidade.
- e) união entre mestiços era um risco à hegemonia dos brancos.

○ 14. (ENEM)

BONS DIAS!

14 de junho de 1889

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, – igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado.

ASSIS, M. Bons dias! (Crônicas 1888-1889). Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Hucitec, 1990.

O jornal impresso é parte integrante do que hoje se compreende por tecnologias de informação e comunicação. Nesse texto, o jornal é reconhecido como:

- a) objeto de devoção pessoal.
- b) elemento de afirmação da cultura.
- c) instrumento de reconstrução da memória.
- d) ferramenta de investigação do ser humano.
- e) veículo de produção de fatos da realidade.



○ 15. (ENEM)

Esaú e Jacó

Ora, aí está justamente a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as ideias que deixarem, mas ainda um par de Lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trabalhos.

Se aceites a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

ASSIS, M. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964 (fragmento).

O fragmento do romance *Esaú e Jacó* mostra como o narrador concebe a leitura de um texto literário. Com base nesse trecho, tal leitura deve levar em conta:

- a) o leitor como peça fundamental na construção dos sentidos.
- b) a luneta como objeto que permite ler melhor.
- c) o autor como único criador de significados.
- d) o caráter de entretenimento da literatura.
- e) a solidariedade de outros autores.

○ 16. (ENEM-2021)

TEXTO I

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. [...] Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene.

ASSIS, M. Um homem célebre. Disponível em: www.biblio.com.br. Acesso em: 2 jun. 2019.

TEXTO II

Um homem célebre expõe o suplício do músico popular que busca atingir a sublimidade da obra-prima clássica, e com ela a galeria dos imortais, mas que é traído por uma disposição interior incontrolável que o empurra implacavelmente na direção oposta. Pestana, célebre nos saraus, salões, bailes e ruas do Rio de Janeiro por suas composições irresistivelmente dançantes, esconde-se dos rumores à sua volta num quarto povoado de ícones da grande música europeia, mergulha nas sonatas do classicismo vienense, prepara-se para o supremo salto criativo e, quando dá por si, é o autor de mais uma inelutável e saltitante polca.

WISNIK, J. M. Machado maxixe: o caso Pestana. *Teresa*: revista de literatura brasileira, 2004 (adaptado).

O conto de Machado de Assis faz uma referência velada ao maxixe, gênero musical inicialmente associado à escravidão e à mestiçagem. No Texto II, o conflito do personagem em compor obras do gênero é representativo da:

- a) pouca complexidade musical das composições ajustadas ao gosto do grande público.
- b) prevalência de referências musicais africanas no imaginário da população brasileira.
- c) incipiente atribuição de prestígio social a músicas instrumentais feitas para a dança.
- d) tensa relação entre o erudito e o popular na constituição da música brasileira.
- e) importância atribuída à música clássica na sociedade brasileira do século XIX.

○ 17. (ENEM 2022)

A senhora manifestava-se por atos, por gestos, e sobretudo por um certo silêncio, que amargava, que esfolava. Porém desmoralizar escancaradamente o marido, não era com ela. [...]

As negras receberam ordem para meter no serviço a gente do tal compadre Silveira: as cunhadas, ao fuso; os cunhados, ao campo, tratar do gado com os vaqueiros; a mulher e as irmãs, que se ocupassem da ninhada. Margarida não tivera filhos, e como os desejasse com a força de suas vontades, tratava sempre bem aos pequenitos e às mães que os estavam criando. Não era isso uma sentimentalidade cristã, uma ternura, era o egoísta e cru instinto da maternidade, obrando por mera simpatia carnal. Quanto ao pai do lote (referia-se ao Antônio), esse que fosse ajudar ao vaqueiro das bestas.

Ordens dadas, o Quinquim referendava. Cada um moralizava o outro, para moralizar-se.

PAIVA, M. O. Dona Guidinha do Poço. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

No trecho do romance naturalista, a forma como o narrador julga comportamentos e emoções das personagens femininas revela influência do pensamento:

- a) capitalista, marcado pela distribuição funcional do trabalho.
- b) liberal, buscando a igualdade entre pessoas escravizadas e livres.
- c) científico, considerando o ser humano como um fenômeno biológico.
- d) religioso, fundamentado na fé e na aceitação dos dogmas do cristianismo.
- e) afetivo, manifesto na determinação de acolher familiares e no respeito mútuo.



○ 18. (ENEM 2022)

Firmo, o vaqueiro

No dia seguinte, à hora em que saía o gado, estava eu debruçado à varanda quando vi o cafuzo que preparava o animal viajero:

- Raimundinho, como vai ele?...
- De longe apontou a palhoça.
- Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo comovido; depois, saltando para o animal, levou o polegar à boca fazendo estalar a unha nos dentes: “Às quatro horas da manhã... Atirei um verso e disse, para bulir com ele: Pega, velho! Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão... Fui ver, coitado!... estava morto”. E deu de esporas para que eu não lhe visse as lágrimas.

NETTO, C. In: MARCHEZAN, L. G. (Org.). O conto regionalista. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

A passagem registra um momento em que a expressividade lírica é reforçada pela:

- a) plasticidade da imagem do rebanho reunido.
- b) sugestão da firmeza do sertanejo ao arrear o cavalo.
- c) situação de pobreza encontrada nos sertões brasileiros.
- d) afetividade demonstrada ao noticiar a morte do cantador.
- e) preocupação do vaqueiro em demonstrar sua virilidade.

○ 19. (ENEM-2021)

Singular ocorrência

— Há ocorrências bem singulares. Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola.

- De preto?
- Justamente; lá vai entrando; entrou.
- Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma recordação de outro tempo, e não há de ser muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz.
- Deve ter quarenta e seis anos.
- Ah! conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão e conte-me tudo. Está viúva, naturalmente?
- Não.
- Bem; o marido ainda vive. É velho?
- Não é casada.
- Solteira?

— Assim, assim. Deve chamar-se hoje D. Maria de tal. Em 1860 florescia com o nome familiar de Marocas. Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e chegará lá. Morava na Rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa.

ASSIS, M. Machado de Assis: seus 30 melhores contos. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

No diálogo, descortinam-se aspectos da condição da mulher em meados do século XIX. O ponto de vista dos personagens manifesta conceitos segundo os quais a mulher:

- a) encontra um modo de dignificar-se na prática da caridade.
- b) preserva a aparência jovem conforme seu estilo de vida.
- c) condiciona seu bem-estar à estabilidade do casamento.
- d) tem sua identidade e seu lugar referendados pelo homem.
- e) renuncia à sua participação no mercado de trabalho.

○ 20. (ENEM-2021) Naquele tempo, Itaguaí, que, como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia; ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; — ou por meio de matraca.

Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam, — um remédio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano, etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo regime mereciam o desprezo do nosso século.

ASSIS, M. O alienista. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 2 jun. 2019 (adaptado).

O fragmento faz uma referência irônica a formas de divulgação e circulação de informações em uma localidade sem imprensa. Ao destacar a confiança da população no sistema da matraca, o narrador associa esse recurso à disseminação de:

- a) campanhas políticas.
- b) anúncios publicitários.
- c) notícias de apelo popular.
- d) informações não fidedignas.
- e) serviços de utilidade pública.



○ 21. (ENEM-2021) Conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois de curtir uma noite, a mais escura de sua vida, numa espécie de jaula com grades de ferro, Amaro, que só temia regressar à “fazenda”, voltar ao seio da escravidão, estremeceu diante de um rio muito largo e muito calmo, onde havia barcos vogando em todos os sentidos, à vela, outros deitando fumaça, e lá cima, beirando a água, um morro alto, em ponta, varando as nuvens, como ele nunca tinha visto...

[...] todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação tão forte de liberdade e vida, que até lhe vinha vontade de chorar, mas chorar francamente, abertamente, na presença dos outros, como se estivesse enlouquecendo... Aquele magnífico cenário gravava-se-lhe na retina para toda a existência; nunca mais o havia de esquecer, oh! Nunca mais! Ele, o escravo, “o negro fugido”, sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade, e tinha pena, muita pena dos que ficavam na “fazenda” trabalhando, sem ganhar dinheiro, desde a madrugada até... sabe Deus!

CAMINHA, A. Bom Crioulo. São Paulo: Martin Claret, 2008.

A situação descrita no fragmento aproxima-o dos padrões estéticos do Naturalismo em função da:

- a) fragilidade emocional atribuída ao indivíduo oprimido.
- b) influência da paisagem sobre a capacidade de resiliência.
- c) impossibilidade de superação dos traumas da escravidão.
- d) correlação de causalidade entre força física e origem étnica.
- e) condição moral do indivíduo vinculada aos papéis de gênero.

○ 22. (UFSM) Através das mais variadas estratégias narrativas, o romance é capaz de criar um mundo verossímil sobre o qual incidem fenômenos históricos, sociológicos, cenários culturais e mesmo componentes psicológicos.

Sobre romances brasileiros do século XIX, atente para as afirmativas a seguir.

I. Escrito durante a permanência de D. João VI no Brasil, *Memórias de um sargento de milícias* é considerado o primeiro romance brasileiro e retrata as mazelas da pequena classe média carioca “no tempo do Rei”.

II. Tematizando o casamento por dinheiro em *Senhora* e os dramas da prostituição em *Lucíola*, o José de Alencar urbano demonstra sensível compreensão da sociedade burguesa do Segundo Império, em que vivia.

III. *Dom Casmurro* e *O Ateneu* são romances escritos à moda de memórias, caracterizados pela ambiguidade dos fatos em virtude do ponto-de-vista do narrador; o seminário (no primeiro) e o internato (no segundo), microcosmos de uma sociedade movida por interesses financeiros e falsa moral, são espaços que, em diferentes graus, destacam-se nessas narrativas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 23. (UFSM) Além do aumento do piso salarial dos professores, há um plano de educação continuada, para que eles se reciclem e tomem conhecimento de novas teorias e metodologias. Um dos métodos de ensino muito usado por professores no século XIX, o uso da palmatória, pode ser identificado no seguinte fragmento:

Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste *compelle intrare com* que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos (...) Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isso durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadado mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho - ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita. Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever-lhe o nome todo nesta página: Ludgero Barata, - um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote e chufas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era tão cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças - umas largas calças de enfiar-, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se ele a encontrava ainda nas horas de aula, dava um puto, circulava os olhos chamejantes, dizia-nos os últimos nomes: éramos sevandijas, capadócijs, malcriados, moleques. - Uns tremiam, outros rosnavam; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

Pode-se constatar que, nesse excerto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, o narrador,

- a) em terceira pessoa, relata os fatos de maneira objetiva.
- b) em primeira pessoa, mostra que o professor Ludgero é tanto algoz quanto vítima.
- c) em primeira pessoa, afirma que só Quincas Borba debochava do professor Ludgero.
- d) em primeira pessoa, sente mais falta do professor Ludgero do que da palmatória.
- e) em terceira pessoa, descreve seu professor de português.



○ 24. (UFSM)

Bom-Crioulo não pensou em dormir, cheio, como estava, de ódio e desespero. [...]

Amigado, o Aleixo! [...] Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contato de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, nas ânsias do gozo, por outra pessoa que não o Bom-Crioulo!...

Agora é que tinha um desejo enorme, uma sofreguidão louca de vê-lo rendido, a seus pés [...] As palavras de Herculano (aquela história do grumete com uma rapariga) tinham-lhe despertado o sangue, fora como uma espécie de urtiga brava arranhando-lhe a pele, excitando-o, enfurecendo-o de desejo. [...] Não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria depois das palavras de Herculano: era o prazer bruta, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas...

Fonte: CAMINHA, 2002. p. 108-109.

No trecho destacado, predominam as seguintes características da narrativa de Adolfo Caminha:

- a) a temática da sexualidade e a análise detalhista do meio.
- b) a temática da sexualidade e a prevalência do instinto sobre a razão.
- c) a prevalência do instinto sobre a razão e a análise detalhista do meio.
- d) a corrupção moral e religiosa e a análise social da personagem.
- e) a temática da sexualidade e o dilema ético do protagonista.

○ 25. (UFSM) O *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha, representa uma relação homoafetiva entre Aleixo e Amaro. Os sentimentos de Amaro por Aleixo são intensos e verdadeiros, conduzindo seus pensamentos e suas atitudes e determinando sua trajetória na história. Sobre a maneira como Amaro concebe seus próprios sentimentos e sobre a forma como, em geral, as demais personagens o veem, é correto afirmar:

- a) Amaro não aceita totalmente seu sentimento, concebendo-o como uma anomalia da natureza, sobre a qual, no entanto, não tem controle. As demais personagens, em geral, demonstram desconfiança, preconceito ou indiferença pelos sentimentos que atormentam Amaro.
- b) Amaro entende seu sentimento como bastante saudável, tornando-se mais amoroso, tranquilo e pacífico. Sofre, porém, o preconceito das demais personagens.
- c) Amaro entende seu sentimento como uma doença, por se revelar apenas como desejo carnal e desfrute sexual. As demais personagens, em geral, demonstram desconfiança, preconceito ou indiferença pelos sentimentos que o atormentam.
- d) Amaro mostra-se em profundo conflito, por perceber-se totalmente diferente dos companheiros com quem se relaciona. As demais personagens, no entanto, nem desconfiam dos seus sentimentos.
- e) Amaro aceita seu sentimento como normal, recebendo apoio e compreensão das demais personagens.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 4

» Parnasianismo

○ 1. (ENEM)

Mal secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, R. In: PATRIOTA, M. Para compreender Raimundo Correia. Brasília: Alhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu-lírico, esse julgamento revela que:

- a) a necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
- b) o sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.
- c) a capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
- d) o instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
- e) a transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.

○ 2. (ENEM)

A pátria

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera,
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

BILAC, O. Poesias infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

Publicado em 1904, o poema *A pátria* harmoniza-se com um projeto ideológico em construção na Primeira República. O discurso poético de Olavo Bilac ecoa esse projeto, na medida em que:

- a) a paisagem natural ganha contornos surreais, como o projeto brasileiro de grandeza.
- b) a prosperidade individual, como a exuberância da terra, independe de políticas de governo.
- c) os valores afetivos atribuídos à família devem ser aplicados também aos ícones nacionais.
- d) a capacidade produtiva da terra garante ao país a riqueza que se verifica naquele momento.
- e) a valorização do trabalhador passa a integrar o conceito de bem-estar social experimentado.

Anotações:



○ 3. (ENEM)

Ouvir estrelas

“Ora, (dizeis) ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, que, para ouvi-las, muita vez desperto e abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda noite, enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto, cintila. E, ao vir o Sol, saudoso e em pranto, inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

BILAC, Olavo. Ouvir estrelas. In: Tarde, 1919.

Ouvir estrelas

Ora, dizeis, ouvir estrelas! Vejo que estás beirando a maluquice extrema. No entanto o certo é que não perco o ensejo De ouvi-las nos programas de cinema.

Não perco fita; e dir-vos-ei sem pejo que mais eu gozo se escabroso é o tema. Uma boca de estrela dando beijo é, meu amigo, assunto p’ra um poema.

Dizeis agora: Mas, enfim, meu caro, As estrelas que dizem? Que sentido têm suas frases de sabor tão raro?

Amigo, aprende inglês para entendê-las, Pois só sabendo inglês se tem ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas.

TIGRE, Bastos. Ouvir estrelas. In: Becker, I. Humor e humorismo: Antologia. São Paulo: Brasiliense, 1961.

A partir da comparação entre os poemas, verifica-se que:

- a) no texto de Bilac, a construção do eixo temático se deu em linguagem denotativa, enquanto no de Tigre, em linguagem conotativa.
- b) no texto de Bilac, as estrelas são inacessíveis, distantes, e no texto de Tigre, são próximas, acessíveis aos que as ouvem e as entendem.
- c) no texto de Tigre, a linguagem é mais formal, mais trabalhada, como se observa no uso de estruturas como “dir-vos-ei sem pejo” e “entendê-las”.
- d) no texto de Tigre, percebe-se o uso da linguagem metalinguística no trecho “Uma boca de estrela dando beijo/é, meu amigo, assunto p’ra um poema.”
- e) no texto de Tigre, a visão romântica apresentada para alcançar as estrelas é enfatizada na última estrofe de seu poema com a recomendação de compreensão de outras línguas.

○ 4. (ENEM)

A

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de ouro e púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...
Delineiam-se além da serra
Os vértices de chamas aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia.
Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua.
A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

CORRÊA, R. Disponível em: www.brasilliana.usp.br. Acesso em: 13 ago. 2017.

Composição de formato fixo, o soneto tornou-se um modelo particularmente ajustado à poesia parnasiana. No poema de Raimundo Corrêa, remete(m) a essa estética:

- a) as metáforas inspiradas na visão da natureza.
- b) a ausência de emotividade pelo eu lírico.
- c) a retórica ornamental desvinculada da realidade.
- d) o uso da descrição como meio de expressividade.
- e) o vínculo a temas comuns à Antiguidade Clássica.

Anotações:



5. (ENEM)

A escravidão

Esses meninos que aí andam jogando peteca não viram nunca um escravo... Quando crescerem, saberão que já houve no Brasil uma raça triste, votada à escravidão e ao desespero; e verão nos museus a coleção hedionda dos troncos, dos vira-mundos e dos bacalhaus; e terão notícias dos trágicos horrores de uma época maldita: filhos arrancados ao seio das mães, virgens violadas em pranto, homens assados lentamente em fornos de cal, mulheres nuas recebendo na sua mísera nudez desvalida o duplo ultraje das chicotadas e dos olhares do feitor bestial. [...]

Mas a sua indignação nunca poderá ser tão grande como a daqueles que nasceram e cresceram em pleno horror, no meio desse horrível drama de sangue e lodo, sentindo dentro do ouvido e da alma, numa arrastada e contínua melopeia, o longo gemer da raça mártir — orquestração satânica de todos os soluços, de todas as impressões, de todos os lamentos que a tortura e a injustiça podem arrancar a gargantas humanas.

BILAC, O. Disponível em: www.escritas.org. Acesso em: 29 out. 2021.

Publicado em 1902, o texto de Olavo Bilac enfatiza as mazelas da escravidão no Brasil ao:

- a) descrever de modo impessoal as consequências da exploração racial sobre as gerações futuras.
- b) contrapor a infância privilegiada das crianças da época à infância violentada das crianças escravizadas.
- c) antecipar o futuro apagamento das marcas da escravidão no contexto social.
- d) criticar a atenuação da violência contra os povos escravizados nas memórias retratadas pelos museus.
- e) imaginar a reação de indiferença de seus contemporâneos com os escravizados libertos.

6. (UFSM)

Tercetos

Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojés à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! até que o dia resplandeça,
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!"

— E ela abria-me os braços. E eu ficava.

BILAC, Olavo. *Alma inquietã*. Poesias. 13. ed. São Paulo, Francisco Alves, 1928. p. 171-72.

Olavo Bilac é um dos principais representantes da estética parnasiana. No entanto, esse poema apresenta algumas características que fogem do Parnasianismo e que o aproximam da Escola Romântica, como a fala do eu lírico sobre:

- a) a noite, que pede que ele não vá embora.
- b) o vento, que pede que ele não abandone o leito de morte.
- c) a mocidade, pois tem medo de morrer de aflição e saudade dela.
- d) a aurora, que está indo embora deixando em seu lugar a escuridão e a morte.
- e) a amada, de quem não quer se separar, daí a súplica e o lamento.

7. (UFSM) Leia o poema "Velhas Árvores", de Olavo Bilac.

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

BILAC, O. *Poesias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1978.
Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id+135533>>.
Acesso em: 06 nov. 2023.

Com relação ao poema, considere as afirmativas a seguir.

- I. Quanto ao período literário, o poema remete à descrição de um elemento da natureza, usando ritmo e vocabulário característicos do Parnasianismo.
- II. Quanto à estrutura, é um soneto composto por versos decassílabos, cujas rimas são interpoladas nos tercetos e alternadas nos quartetos.
- III. Quanto ao sentido, o poema apresenta certo senso moral peculiar ao autor, relacionando as árvores velhas aos homens maduros e qualificando-os como amparo aos necessitados.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



HABILIDADES À PROVA 5

» *Simbolismo*

○ 1. (UFRGS) Leia o poema *Siderações*, de Cruz e Souza.

Para as estrelas de cristais gelados
As ânsias e os desejos vão subindo,
Galgando azuis e siderais noivados,
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de cânticos alados
Os arcanjos, as cítaras ferindo,
Passam, das sete vestes nos troféus prateados,
As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve
Claro incenso aromal, límpido e leve,
Ondas nevoentas de visões levanta...

E as ânsias e desejos infinitos
Vão com os arcanjos formulando ritos
Da eternidade que nos astros canta...

A respeito do poema, é correto afirmar que:

- a) o poeta idealiza seus desejos, projetando-os para uma distância inatingível.
- b) o poema emprega descrições nítidas que garantem uma compreensão exata dos versos.
- c) o poeta expõe a sua avaliação sobre a realidade objetiva, utilizando imagens da natureza em linguagem precisa e direta.
- d) o poema, em forma de epigrama, traduz uma versão materialista do amor e da sensualidade.
- e) se trata da descrição de fantasias e alucinações apresentadas nos moldes de ficção científica.

○ 2. (ENEM)

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

CRUZ E SOUSA, J. Poesia completa. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema *Cárcere das almas*, de Cruz e Sousa, são:

- a) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
- b) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
- c) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
- d) a evidente preocupação do eu-lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
- e) a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

○ 3. (UFRGS) No bloco superior abaixo, estão listados os movimentos literários brasileiros; no inferior, características desses movimentos.

Associe adequadamente o bloco inferior ao superior.

- 1. Arcadismo
- 2. Parnasianismo
- 3. Simbolismo

() Representa um afastamento dos problemas sociais brasileiros, seguindo uma estética rígida.

() Surge na periferia intelectual brasileira: Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

() Recupera o padrão estético clássico, fazendo ressurgir a epopeia.

() Busca transfigurar a condição humana, dando-lhe horizontes transcendentais.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 - 1 - 3 - 2
- b) 1 - 3 - 2 - 2
- c) 2 - 3 - 1 - 3
- d) 2 - 3 - 3 - 1
- e) 3 - 1 - 3 - 2



○ **4. (PUC-RS)** Leia o poema “O mar”, de Cruz e Sousa.

Que nostalgia vem das tuas vagas,
Ó velho mar, ó lutador oceano!
Tu de saudades íntimas alagas
O mais profundo coração humano.

Sim! Do teu choro enorme e soberano,
Do teu gemer nas desoladas plagas,
Sai o quer que é, rude sultão ufano,
Que abre nos peitos verdadeiras chagas.

Ó mar! ó mar! embora esse eletrismo,
Tu tens em ti o gérmen do lirismo,
És um poeta lírico demais.

E eu para rir com bom humor das tuas
Nevroses colossais, bastam-me as luas
Quando fazem luzir os seus metais.

Com base no poema e em seu contexto, preencha os parênteses com V para verdadeiro e F para falso.

- () A obsessão pelo branco, uma das características de Cruz e Sousa, aparece de forma intensa neste poema.
- () O soneto, através do uso da personificação, estabelece uma relação de correspondência entre o mar e o poeta.
- () O mar surge, no poema, como um elemento catalizador de memórias e de inspiração.
- () O soneto expressa forte musicalidade, revelada no cuidado com a linguagem, embora seja composto de versos brancos.

O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - V - V - V
- b) F - V - V - F
- c) F - V - F - F
- d) V - F - V - V
- e) V - F - F - V

○ **5. (PUC-RS)** Para responder à questão 36, considere o poema Inefável em seu contexto, e leia as afirmativas que seguem.

Nada há que me domine e que me vença
Quando a minh'alma mudamente acorda...
Ela rebenta em flor, ela transborda
Nos alvoroços da emoção imensa.

Sou como um Réu de celestial sentença,
Condenado do Amor, que se recorda
Do Amor e sempre no Silêncio borda
De estrelas todo o céu em que erra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros
E tudo vejo dos encantos raros
E de outras mais serenas madrugada!

Todas as vozes que procuro e chamo
Ouço-as dentro de mim porque eu as amo
Na minha alma volteando arrebatadas

- I. A subjetividade, a sugestão no conteúdo e um cultivo à técnica formal revelam características da obra de um dos poetas mais importantes da escola simbolista.
- II. Substantivos comuns grifados com maiúsculas, a obsessão pelo claro, pela cor branca, são marcas do poeta Cruz e Souza.
- III. As aliterações são também um traço típico da obra deste poeta, perceptíveis no poema “Inefável”.
- IV. Característica típica do simbolismo, o eu lírico neste poema sofre fisicamente por um amor não vivido.

As afirmativas corretas são, apenas:

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV

○ **6. (UFSM)** Cruz e Souza sentiu na pele a angústia de ser negro no Brasil escravocrata, o que fez com que se voltasse muitas vezes para os marginalizados e os humilhados nos seus poemas. Outras vezes, há uma angústia existencial. Observe:

O grande sonho

Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
Doloroso e profundo Sentimento!
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento
Chorar o teu mistério tenebroso.

Sobe dos astros ao clarão radioso,
Aos leves fluidos do luar nevoento,
Às urnas de cristal do firmamento,
Ó velho Sonho amargo e majestoso!

Sobe às estrelas rútilas e frias,
Branças e virginais eucarístias,
De onde uma luz de eterna paz escorre.
Nessa Amplidão das Amplidões austeras
Chora o Sonho profundo das Esferas,
Que nas azuis Melancolias morre...

Nesse poema, Cruz e Souza

- I. emprega, nos dois quartetos, rimas intercaladas.
- II. elabora objetivamente a associação de palavras que remetem a um significado.
- III. entrelaça sensações, a fim de tecer uma rede de imagens vagas e sugestivas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II.
- e) apenas III.



GABARITO

• Habilidades à prova

Unidade 1

- | | |
|------|-------|
| 1. A | 8. D |
| 2. C | 9. C |
| 3. C | 10. E |
| 4. C | 11. C |
| 5. B | 12. C |
| 6. B | |
| 7. E | |

Unidade 2

- | | | | |
|------|------|-------|-------|
| 1. C | 5. D | 9. B | 13. E |
| 2. C | 6. A | 10. C | 14. D |
| 3. C | 7. D | 11. C | |
| 4. D | 8. A | 12. D | |

Unidade 3

- | | | | | |
|------|-------|-------|-------|-------|
| 1. D | 6. E | 11. A | 16. D | 21. B |
| 2. C | 7. A | 12. D | 17. C | 22. D |
| 3. E | 8. A | 13. A | 18. D | 23. B |
| 4. A | 9. A | 14. C | 19. D | 24. B |
| 5. D | 10. E | 15. A | 20. D | 25. A |

Unidade 4

- | | |
|------|------|
| 1. A | 5. C |
| 2. B | 6. E |
| 3. D | 7. C |
| 4. D | |

Unidade 5

- | | |
|------|------|
| 1. A | 4. B |
| 2. C | 5. D |
| 3. C | 6. C |

